

# ESTUDO DO LÉXICO DAS LÍNGUAS AFRICANAS REPRODUZIDAS NA NAÇÃO XAMBÁ-PORTÃO DO GELO/ OLINDA/PE E SUA RELAÇÃO COM O ENSINO/APRENDIZAGEM DE LÍNGUA PORTUGUESA DE SEUS QUILOMBOLAS

Autor- Cristiane Inácio De Souza

*FOCCA – faculdade de Olinda e*  
*UPE- Universidade De Pernambuco*  
E-mail: [crisinaciosouza@hotmail.com](mailto:crisinaciosouza@hotmail.com),

Co-autor- Clara Flauxí Martins Da Silva

*FAFIRE - Faculdade Frassinetti do Recife*  
E-mail: [claraflauxi@gmail.com.br](mailto:claraflauxi@gmail.com.br)

**Resumo:** Uma expressiva quantidade da população menos favorecidas do país/Brasil é formada por descendentes dos negros e negras escravizados; sua história cultural fora negada e a isto se atribui as diversas atrocidade a eles sofrido. Imposições, mau influências e manipulação histórico/sociais foi o que coube a formação de uma nação/povo que carrega em sua identidade uma herança negra. A língua, assim como toda carga cultural, em seu sentido geral, vive em um processo constante de mutação, e a partir deste fato, averigua-se a história e a evolução das línguas trazidas pelos africanos, retratando a resistência de seu povo e seu poder de preservação. Um relato de forma cronológica, ressaltando a importância que tais mecanismos de resistência vêm perpassando gerações. Faz-se então alusão aos viventes das áreas suburbanas da cidade de Olinda/PE. Este espaço comporta grupos de cultura e/ou religiões de matrizes africanas; ao estudo observa-se Nação Xambá. Quilombo urbano do Portão do gelo; fazendo análise das línguas representadas pelos quilombolas, com foco nas crianças e a abordagem que os espaços formais de educação dão à construção oral das línguas, as quais, assim como seu povo, também são formadoras da língua portuguesa brasileira.

**Palavras-chave:** Xambá, Línguas/ Oralidade, Resistência, História, Ensino/ aprendizagem.

## INTRODUÇÃO

Em observação e convivência com grupos populares culturais da cidade do Recife, constatou-se a presença de um “falar” diferente, em comparação aos dos que comumente se percebe na sociedade em contexto cotidiano/ linguagens coloquiais. O estudo da História nacional e da formação da língua portuguesa trouxe então a confirmação do que já era uma suspeita, tratava-se aqueles “falares diferentes” de línguas africanas, aos quais os participantes de tais manifestações culturais apropriaram-se nos terreiros/ casas de candomblé, seus ambientes religiosos sagrados; a transmissão de conhecimentos através da oralidade exalta a apropriação dos saberes através da socialização e pertencimento cultural e para isso (LEITE, 2006,P.30), diz que “A educação no terreiro de candomblé acontece de forma gradual, sistemática e ritualística”, estes então associavam ambas linguagens transformando e adequando as frases em seus contextos e/ou não formais.

A teoria se envolve com tais conhecimentos populares quando dar-se relevância às contribuições sociolinguísticas, na qual a história agrupa-se com a participação dos negros escravizados. Tessyer (2007), que traduzem não só a formação da língua no Brasil, bem como as divisões dos escravizados geograficamente quando aqui chegados, fora a primeira inspiração, desanuviando alguns mistérios em relação as diversas linguagens encontradas no país.

Dentro do processo fora investigado também outros processos que culminaria tais relações com o processo linguístico. Após o contato direto com entrevistas “conversas pessoais” com estudiosos e/ou historiadores, descobre-se que em Recife e Olinda, como toda capital brasileira, sofreram por forçar autoritárias políticas e/ou religiosas, provocadas pelo “projeto: Estado Novo”, na década de 30, que com algumas medidas incitou ainda mais a sociedade, reforçando os preconceitos que atingiam até hoje os movimentos culturais e/ou religiosos de matrizes africanas, bem como para a formação da população de massa dos menos favorecidos aos quais estes estão inseridos.

O Terreiro Santa Bárbara Nação Xambá, localizado no Portão do Gelo/ Olinda-PE. É o grupo de foco desta pesquisa. O culto Xambá é uma mescla, trata-se de uma mistura dos cultos africanos com os cultos indígenas, nascida no estado de Alagoas e implantada em Pernambuco no início do XX, que em 2006 recebe a titularidade de 1º quilombo urbano de Pernambuco, concedido pelo Ministério da Cultura e a Fundação Cultural Palmares em conjunto com o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

Os primeiros povos a cultuarem esta parte do culto afroameríndio foi o povo Banto, os quais aqui chegaram em grande maioria Rosa (2012) - *Em entrevista particular*. Certamente é devido a este fato que uma boa parte da língua portuguesa é permeados por palavras e expressões bantas. Afirmo (ROSA, 2012) - *Em entrevista particular* “ Não existe uma língua Yorubá pura, dentro dos nosso tratar, a língua se mesclou aos outros falares étnicos, mantém-se então sua estrutura “original” para a reprodução dos cultos religiosos”. Esta afirmação ressalta mais ainda as outras concepções de mutação das línguas mediante o tempo e o uso. O Banto, pai de várias outras línguas como o Quicongo e o Quibundo. Línguas que permeiam felizmente ainda de maneira aguçada os cultos religiosos Jêje e Nagô, aos quais podem ser localizados com mais frequência por um caráter histórico da distribuição dos escravos nos Estados da Bahia, Alagoas e boa parte da costa litorânea do Nordeste”.

“[...] Dentro do quadro de presença afro-negra no Brasil, verifica-se uma predominância das culturas bantas, que colaboraram para formação da cultura brasileira, principalmente através de suas línguas, entre elas o quicongo, umbundo e quimbundo. Contestando uma suposta ascendência de línguas sudanesas, como o nagô (ioruba), e no panorama das línguas africanas faladas no Brasil à época da escravidão, e que teriam modificado o falar português em nosso país... os termos de origem nagô estão mais restritos às práticas e aos utensílios ligados à tradição dos orixás, como a música, a descrição dos trajes, e a culinária afro-baiana.” (LOPES, 2012, p.19)

A partir desta afirmativa de Labov (2008), contextualiza-se que a interação com algumas nações<sup>1</sup> chegados à costa litorânea do estado de PE, destacam-se os grupos de etnia jêje e nagô. Como já ressaltado os grupos de origem nagô são os mais antigos e têm como uma de suas maiores características o culto aos orixás. Visto isso faz se a primeira observação: os grupos de culto aos orixás nas nações nagô têm em sua pratica a língua Yorubá.

Sabendo então da contribuição das línguas Banto, Quimbundo e Yoruba, depositadas na cultura/ língua portuguesa falada no Brasil, investiga-se o motivo destas não fazerem parte da língua formal, que permeiam a nossa sociedade; como tais afirmações

---

<sup>1</sup> E denominado de nação os diferentes grupos que saíram de várias partes de África, determina-se desta maneira pois juga-se que cada nação mantém suas características diferentes.

culturais/orais mantem e resistem e/ou passam por mutação. Em reflexo observa-se a língua a qual fala-se hoje; reafirmando outras facetas da história linguística, como esta língua é tratada e reconhecida, se realmente faz parte do contexto léxico/oral das crianças viventes da religiosidade, observando também se o seu uso é mais forte no convívio de seu grupo e/ou se a escola faz uso destas, para contextualizar o ensino de língua portuguesa, entre outras matérias.

## **METODOLOGIA**

O trabalho se deu em duas etapas principais: a pesquisa em periódicos a qual enriqueceu quanto ao conhecimento da teoria histórica e de viés sociolinguística e a pesquisa de campo que teve relevância qualitativa, e que regeu o processo das partes do trabalho as quais as informações deram um rumo para apuração e/ou confirmação das teorias desenvolvidas quanto a concepção e aquisição da linguagem dos pesquisados.

A casa de culto xambá intitulada: Ilê Axé Oyá Menguê como já comentado foi a escolhida para traçar tais perspectivas; no recorte foram selecionadas aleatoriamente 5 (cinco) crianças e/ou adolescentes, esta seleção obedecerá apenas os critérios de que estes deveriam estar em idade escolar, e que participassem ativamente do corpo escolar, bem como dos cultos religiosos e/ou observadores do grupo em questão; fora de certa forma sem maiores percalços, pois o número de crianças e adolescentes dentro desse contexto é elevado em tal comunidade, o que revela uma primeira análise, quanto a intenção das famílias em manter os jovens na escola, mesmo observando que alguns dos discentes entre 8 e 13 anos já estavam fora de faixa para as séries as quais apresentavam-se. O que não alterou em nada, quanto ao desenvolvimento das pesquisas apresentadas por estes, visto que, tal questionário visava apenas ressaltar as hipóteses desenvolvidas através da produção do projeto.

Usando a estratégia de investigação para saber como vem ocorrendo esse processo de aquisição da língua, usando como técnica uma entrevista (uma conversa) considerando as colocações de Minayo (2010) que falam sobre a entrevista ser uma técnica utilizada na área, diz ainda que “Embora haja muitas formas e técnicas de realizar o trabalho de campo, dois são os instrumentos principais desse tipo de trabalho: a observação e a entrevista” (MINAYO, 2010,pág.19). Consideração que as pessoas alvo da pesquisa são crianças e/ou adolescentes, necessitou de peculiaridades no modo de colher os dados, com ética, observação, cuidado, sendo necessário adaptar algumas perguntas à realidade apresentada, sem o peso de uma entrevista.

Como o assunto trata da linguagem (resquícios das línguas), a sua resistência, bem como, a resistência deste em um contexto oral, as visitas à localidade escolhida são de extrema importância e, sem sair do foco da oralidade, foram analisadas e revelaram que tão somente as palavras faladas por eles no seu convívio religioso/ sagrado também se faz presente nas vidas das mesmas em seus cotidianos sociais. Sendo este movimento para elas um fator de naturalidade, pois as palavras por muitas vezes apresentam as mesmas características grafias, sonoras e de sentido.

Munida do fato jurídico instituído pelas LEIS 10.639/2003 que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana em todas as escolas, públicas e particulares, do ensino fundamental até o ensino médio e a LEI. 11.645/2008 - (que é uma lei superior que altera o artigo 26-A da Lei de diretrizes e bases da educação nacional/ LDB), assim atualizando este artigo, endossando a obrigatoriedade do ensino sobre a História e Culturas dos povos indígenas; o que reforça a premissa importante do estudo das tradições das três raças formadoras do país. Foi também elaborado um questionário aberto para as instituições de ensino formal, com foco de entrevistados os professores de língua portuguesa e/ou a coordenação das mesmas.

Tal questionário se faz importante na análise para averiguar como está sendo feita a preparação dos profissionais e das aulas cabível para tal ação em detrimento da recepção deste alunado, se suas vivências sociais contribuem para os estudos de mesma natureza, se defende outras temática relevantes as mesmas instâncias e/ou se é dada a estrutura necessária aos jovens em sua formação como cidadãos, tornando-os capazes de pensar e questionar quanto à sua formação e identidade social, deixando que esses se expressem de maneira livre, se estes são esclarecidos e se relevam os verdadeiros fatos que envolvem tais linguagens. Mostrando a importância destes falares ou se os destratam, mascaram, relegando a segundo plano os traços de línguas africanas já enraizado na língua portuguesa, e na vivência dos alunos. E com perguntas diretas, coleta-se se os fatos partem da discriminação pelo uso da oralidade ou se os docentes apenas desconhecem as partes da formação da língua Portuguesa.

Como os estudos dentro desta perspectiva temática início se reconhecimento acadêmico há pouco tempo e tomada pela certeza da evolução desta ciência, anseia-se que este estudo, tenham relevância para outros grupos que venham somar quanto à visão dos conceitos de ensino e/ou reconhecimento dos resquícios linguísticos de matriz africana afixados na oralidade de seus viventes. Sendo assim, o

desenvolvimento será desenvolvido em tempo histórico/cronológico, a qual as informações foram determinadas a fim de manter a compreensão quanto ao assunto, com a análise dos dados coletados posteriormente.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

### Dos discentes

Após os fatos históricos apurados, tomam-se os caminhos para a seleção dos pesquisados, um pequeno grupo do número populacional do quilombo Xambá, a qual não se distingue em um quantitativo exato quanto ao número de habitantes, haja vista que a partir da instituição da lei áurea, Lopes (2012), os quilombos: Aldeamento de escravos fugidos, deixaram uma conotação histórica para traz; hoje dar-se o nome de quilombo aos que ainda vivem em comunidade remanescente de escravos e que se mantem unidos em se tratando da massa social que comungam das mesmas práticas e/ou realidade social. Esta definição fundamenta a falta de um quantitativo exato de quilombolas, pois seus participantes podem ou não pertencerem a localidade.

Com a finalidade de compreender o contexto e a realidade dessa pesquisa, será apresentado um breve perfil da entrevistada, para que assim facilite a compreensão.

Pesquisados	Gênero/ Sexo	Idade	Escolaridade	Condição da escola	Quilombola	Praticante da religião
Entrevista 1	Feminino	11	6º ano	Privada	sim	sim
Entrevista 2	Feminino	12	7º ano	Privada	sim	sim
Entrevista 3	masculino	8	4º ano	Privada	sim	sim
Entrevista 4	Feminino	14	8º ano	Privada	sim	sim
Entrevista 5	Feminino	10	5º ano	Pública	sim	sim

Já em campo, em pesquisa, observou-se que apenas uma das cinco instituições era de vínculo público; faz-se relevância a este fato, pois ressalta o “mito” de que o ensino privado trará uma melhor educação. Tais instituições também partiam de várias vertentes religiosas o que muitas vezes entravam em conflito com os ensinamentos que os alunos aprendiam no seu convívio familiar, em relato alguns ressaltam que, nas instituições se ensino ainda havia muito preconceito quanto a algumas formações religiosas, e que esconder suas origens para elas era um sacrifício. Afirmam ter entre cinco e seis aulas de língua portuguesa durante a semana e mais de 70% (setenta por cento) diz gostar da matéria em se, mas que não há nenhuma associação com aquilo que ele e elas apreende na comunidade

A invisibilidade que a escola formal produz para as crianças e adolescentes de

terreiros de candomblé, os remete em alguns casos as práticas de discriminação e/ou silêncio, a respeito para (CAPUTO,2012) “Existem grupos de crianças acerca das quais a sociedade pouco conhece, necessitando por isso de aprender esse conhecimento”. Essas crianças precisam sair da invisibilidade e serem acolhidas em suas particularidades. Nos locais sagrados essas práticas são opostas uma vez que os adeptos uma forma de manter e conservar a cultura africana é com respeito e fé.

Ainda dentro da pesquisa/ conversa mediada, foram separadas algumas palavras formando um glossário de origem Yorubá e de línguas Bantas para reconhecimento dos mesmos, afirmação dos fatos descritos anteriormente. Uma seleção retirada de Lopes (2012) e Napoleão (2011), para contextualização da linguagem usada pelo determinado grupo. As palavras formuladas ou já veiculadas pela sociedade detêm uma extensão vasta.

As crianças aprendiam com a convivência, e dentro dos conceitos de formação na casa de candomblé, via oralidade, sabiam apenas o que lhe era de cabido, ou só cabido saber até o momento, relacionando então o objeto da pesquisa (a língua). E mesmo participando de todas as manifestações religiosas, pois com este conceito de aprendizado oral com o dia a dia, é que fará com que tais pessoas apreendam o conhecimento e a sabedoria dos antepassados com mais maestria. Os diversos nomes dos orixás a qual a nação faz culto, saudações, comidas oferecidas nos cultos, entre outras palavras soltas o que estavam dentro do alcance de seus ouvidos

Na escola formal as práticas pedagógicas estão “empoderadas” de orientações religiosas opostas o que reforça as práticas excludentes e discriminatórias prevalecendo a cultura hegemônica da sociedade à medida que as práticas docentes são orientadas pelas crenças do professor. O que não acontece nos terreiros.

Nos terreiros a infância não é vista como deficiência (de capacidades) ou ausência (de saberes) e que, mais vale o tempo de iniciado no culto que a idade de vida de uma criança. Assim saberia mais uma criança de doze anos iniciada há sete, que um adulto de trinta e dois anos, iniciado há um, o qual certamente aprenderia com a criança de maior iniciativa. (CAPUTO/ Stela, 2012, p. 157).

### **Dos docentes**

Nas instituições de ensino regular para facilitar a análise dos dados e a intimidade do entrevistado com as questões abarcadas, fora feita em forma também de questionário, mas

agora sem a mediação do entrevistador, pois estas questões são agora de cunho mais significativo para pesquisa e foca as construções de ensino e aprendizagem, conhecimento, leis que relacionavam as línguas e cultura africanas em questão. Além do questionário formal com nome da instituição e informações pessoais sobre os professores pesquisados, a pesquisa mescla-se entre questões abertas e fechadas, também favorecendo a praticidade e a boa relação do pesquisado e do pesquisador.

A primeira das cinco questões: Qual o seu nível de reconhecimento quanto as influências de línguas africanas na língua materna? A pesquisa enfatiza a afirmação anteposta, visto que entre as opções dispostas aos docentes quanto ao reconhecimento das influências das línguas africanas, a maioria das respostas variaram sempre entre os níveis ruim e regular, o que é um péssimo resultado, averiguando que são nas bases que o ser é formado o cidadão, e se o profissional não está apto quanto ao seu conhecimento á formação destes educandos também não será satisfatória.

Fora o primeiro impacto e uma visão criteriosa para o que iria desdobrar. A maioria dos docentes assumem que não “sabiam ou reconheciam” quanto as influências das línguas africanas na língua portuguesa, o que se contradiz mais a frente quando todos os profissionais se deparam com o glossário e reconhecem palavras que fazem parte não só da linguagem do alunado bem como de sua vivencia/ língua social.

O Alarmante, porém, já esperado resultado se disseminou pelas demais questões, observando que no contexto escolar as línguas Yorubá e Banto, são relegadas a segundo plano, que sim, confirmam-se as marcas desta oralidade do alunado, entretanto, segundo a pesquisa feita, raras são às vezes que este recurso riquíssimo é utilizado, e que as leis são cumpridas de forma torpe. O aprendizado que pode fazer relação com muitas outras matérias é apenas elencado a história e de forma muito superficial, isto por uma falta de preparo não só dos discentes mais da sociedade como um todo que é tolhida ainda de marcas culturais e vertentes de origem.

A língua faz parte do ser, não se pode renegar o conhecimento de suas origens. A escola ainda anda atrelada com as subdivisões da sociedade, o que é errôneo, uma vez que o papel principal dessas é a formação de cidadãos, seres pensantes, capazes de saber avaliar e questionar. Os valores ainda perseguem padrões de séculos passados e “sem perceber”, tropeçam nos mesmos erros. Assim como são levadas as culturas de matrizes africanas a mera foclorização, remetendo ao passado, questões tão presentes na sociedade.

O candomblé como prática ritualística descendente dos africanos representa a afirmação de valores ligados as questões do sagrado e das práticas simbólicas-culturais, tendo a oralidade como chave e detentora mais importante para a realidade dos terreiros. Assim sendo, segundo (BOTELHO, 2010, p. 2) “uma das principais marcas das maiorias das culturas africanas que chegaram ao Brasil é a oralidade”.

## CONCLUSÃO

Desde os primeiros estudos quanto à formação da língua e as suas influências, que o ser humano constrói e desconstrói algumas concepções/ teses. Estes estudos foram aprofundados e ganhou ramificações diferentes até chegarmos aos estudos linguísticos. Atualmente, o pensamento linguista de que: a linguagem atrela-se e/ou pode ser mutável em relação às influências que as cercam, afirmam ramificações do estudo da linguagem, como a sociolinguística.

O ápice dessa investigação foi atingido por Hermann Paul (1880) que desenvolveu a ideia de que a língua do falante-ouvinte individual encerra a natureza estruturada da língua, a coerência do desempenho falado e a regularidade da mudança. Isolando a língua do indivíduo do uso linguístico do grupo. (WEINREICH, U; W.; HERZOG, M., 2006, pp- 39)

Estudo este que é de extrema importância, pois, as várias ramificações existentes nesta ciência salientam a presença do homem como formação da mesma. Esta linha de pensamento, apesar de consideravelmente nova em seus estudos (a partir da década e 50), já comprova sua grande valia, encontra-se cristalizada e entendida como um sistema de signos, a qual se baseia no caráter social de uma língua, trazendo consigo grande carga nas relações humanas e assim integrando-se a diversas áreas de pesquisa

A língua funciona como um elemento de interação entre o indivíduo e a sociedade em que ele atua. É através dela que a realidade se transforma em signos, pela sociedade significantes sonoros e significados arbitrários, com os quais se processa a comunidade linguística. (PRETI, 1997, p. 12).

Certamente por uma questão preconceituosa as línguas africanas não foram inseridas nos vocabulários da língua materna culta, sendo reconhecidas tardiamente como importantes, porém ainda estão sendo levadas a níveis de

“expressões”, afixando-se no imaginário da população que a linguagem proferida pelos negros era “chula”, de baixo calão, improferível, sem valor, ora que catalogado na história momentos em que os negros não podiam comunicar-se com sua língua mãe, sendo forçados a apreenderem a língua portuguesa; Por força de repressão, como já relatado anteriormente, isto acontecia a até por motivos de precaução. O que não alivia ao contrário só enfatiza a realidade atual.

A comunidade de fala citada na evolução deste trabalho, tem no Yorubá a língua de referência para o tratar nos cultos religiosos, e que esta linguagem ancestral passa pela oralidade e a convivência dentro desta comunidade, estes apreendem e repassam a sociedade, com o seu sentido literal e/ou acrescentando contextos para adequação de tais vocábulos. A exemplo vejamos a aplicação deste vocábulo iorubano: Kawô Kabie sí lé – (saudação para Xangô<sup>2</sup>) e significa ( o rei não morreu, o rei está na terra/ presente). Em um discurso informal a palavra Kawô deixa de fazer parte da contextualização da frase de saudação para ser agora aportuguesada, sendo ela levada ao sentido de expressão pelos seus falantes. De Kawô transforma-se em caô (mentira). Desta maneira quando em um discurso um dos interlocutores profere algo que para o outro não tem tanta valia surge a expressão: “Deixa de caô”. As falhas de tradução acontecem e é partir deste momento que as línguas mudam e/ou mesclam-se, em seu significado e grafia.

O uso desta e de outras expressões advindas das línguas africanas já enraizadas no contexto linguístico do português falado no Brasil ainda não é tratado de forma digna, Segundo: NARO & SCHERRE (2007, p. 139), a ‘transmissão linguística regular’, em se, não é determinante para a evolução linguística- o que determina o grau de reestruturação da língua transmitida é configuração dos fatores sociais, extralinguísticos, especialmente a atuação de uma norma[...]. O que pode se caracterizar como um pidgin contemporâneo.

[...] a criação de um sistema linguístico por adultos é o que se conhece como ‘pidginização’. O pidgin<sup>3</sup> costuma surgir a partir de um contato entre grupos populacionais para propósitos bem definidos e delimitados, tais como trocas

---

<sup>2</sup> No que faz referência as histórias míticas de cada orixá, conta-se que o rei xangô saio para uma batalha e dias depois chegou ao povoado que ele estava morto, muito tristes os moradores queriam o corpo para a despedida final, quando ressurgiu Xangô, alguém então de sobressalto grita “**Kawô Kabie sí lé**”- **o rei não morreu, o rei está na terra/ presente.**

<sup>3</sup> Beazoti (2002, p.46) Num primeiro momento, essa “língua de emergência” é denominada de pidgin. A origem de tal nome é controversa; o mais normal é associá-lo a uma corrupção do substantivo inglês *business* (“negócio”), hipótese q tem ao menos o mérito de associar a denominação à função original desse tipo de língua.

comerciais ou trabalho forçado de uma plantação, em um contexto em que as pessoas não dispõem de outro meio verbal comum de comunicação.

(NARO & SCHERRE, 2007, p. 137 e 138)

Um pequeno recorte, (da casa Xambá), em se tratando da massa social que comunga das mesmas práticas das aqui reveladas, esta realidade dantesca. Não pode então amarrar-se mais no discurso de que este é um país novo em relação a humanidade, pois, a mudança tende a ser posta em prática; a intolerância não espera. Com este pensamento quem perde são as crianças em formação. Fica-se então relegada a marca da oralidade, porém infiltrando-se vagarosamente no vocabulário dito “culto”, algumas palavras que já chegaram e continuam chegando a sociedade por meio dos veículos de massa, bem como na literatura, músicas como exemplificado.

Faz-se necessário fazer o educando reconhecer tais vocábulos e sua etimologia. Esta então seria uma forma prática de fazer o alunado reconhecer que a sua cultura e a sua ancestralidade não estão muito longe de sua realidade, amenizando e transformando uma sociedade mais consciente de sua identidade. Não há amadurecimento completo da sociedade sobre as ricas práticas dos povos formadores desta sociedade, há ainda uma crosta de preconceito e/ ou questionamentos quanto às funções e à necessidade de todos saberem a sua fidedigna origem.

A história sempre nos remete a fatos importantes da humanidade, com os estudos da língua não são diferentes. Estas contextualizações históricas nos fazem compreender de onde viemos e qual o caminho devemos tomar. Conceitos socioculturais são travados há séculos e raras são as civilizações que transmitiram exemplos de tolerância as diferenças culturais.

A cada dia percebe-se mais a necessidade de a humanidade estar atrelada ao seu passado, visto que esta é chave que abre as portas para um futuro melhor. É observando os feitos do passado que a sociedade deve construir um futuro mais justo; erros e acertos sendo aprimorados para que a igualdade e o respeito sejam um fator impar a cada cidadão, sendo a educação o contato que quebra os preconceitos e faz com que o Ser encontre sua identidade social.

## REFERÊNCIAS

1. ALMIRANTE, Kleverton Arthur. CAPUTO, Stela Guedes. **Educação nos terreiros: e como a escola se relaciona com crianças de Candomblé.** (Resenha). Revista Antropolítica, n. 36, p. 337-345, Niterói, 1. sem. 2014.
2. BEARZOTI FILHO, Paulo. **Formação linguística do Brasil.** Curitiba. Nova Didática, 2002.
3. BOTELHO, Denise; NASCIMENTO, Wanderson Flor. **Educação e religiosidades afro-brasileiras: experiência dos Candomblés.** In: Participação: a revista do decanato de extensão da Universidade de Brasília. Brasília: UnB, 2010, vol. 17 p. 74-82.
4. CAPUTO, Stela Guedes. **Educação nos Terreiros: e como uma escola se relaciona com crianças de candomblé.** 1 ed.- Rio de Janeiro: Pallas, 2012.
5. COSTA, Valéria Gomes. **É do dendê! História e memórias urbanas da Nação xambá no Recife ( 1950- 1992).** – São Paulo: Annablume, 2009.
6. GASPAR- Eneida D. **Falando Banto, 2ª edição, Ed. Pallas,** Rio de Janeiro 2011.
7. HOFFAMAN, Clarice. **Iroco, A árvore sagrada- Documentário.** Recife- PE: Tv Viva, 2000. 1 DVD.
8. LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos.** [Tradução de marcos Bagno e Maria Marta Pereira Sherre. São Paulo: Parábola, 2008.
9. LEITE, Vanderlei Furtado. **Candomblé e educação: dos ilês às escolas oficiais de ensino.** São Paulo. Mestrado em Sociologia. Universidade de Sociologia de Santo André, 2006.
10. LOPES- Nei, **Novo Dicionário Banto do Brasil,** 2. Ed. rev. e acresc. de 312p. Rio de Janeiro: Pallas, 2012.
11. MINAYO, Maria Cecília de Souza (org). **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade. 29º Ed. Petrópolis, RJ: Vozes,** 2010
12. NAPOLEÃO, Eduardo. **Vocabulário Yorubá.** 1 ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2011.
13. NARO, Anthony Julius; SHERRE, Maria Marta Pereira. **Garimpo das Origens do Português Brasileiro.** São Paulo: Parábola Editorial, 2007
14. PRETI, Dino. **Sociolinguística, os níveis de fala.** São Paulo: Edusp, 1997.
15. ROSA, Hildo Leal das, **História do terreiro xambá/ Portão do Gelo/ entrevista.** Olinda, PE: 05 mar. 2012. Entrevista concedida a C. I. Souza.
16. TESSYER, Paul. **Histórias da Língua Portuguesa.** 3. Ed. São Paulo: Ed. Martins Fontes LTDA, 2007.
17. WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos Empíricos para uma teoria da mudança linguística.** [Tradução Marcos Bagno] São Paulo: Parábola, 2006.